

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS DIGITAIS  
APLICADAS AO ENSINO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO – IFRJ – CAMPUS  
ARRAIAL DO CABO**

**DESAFIOS E EFEITOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NA EDUCAÇÃO  
SUPERIOR DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UMA REVISÃO  
SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

**Samuelle Neves Gomes Willames<sup>1</sup>**

**Evelyn Morgan Monteiro<sup>2</sup>  
(orientadora)**

**Fábio Contrera Xavier<sup>3</sup>  
(coorientador)**

**RESUMO**

Diante do cenário da pandemia de COVID-19, autoridades governamentais aplicaram medidas normativas e legais para conter a propagação da doença. Essas medidas provocaram o fechamento das instituições de ensino, o cancelamento ou suspensão das aulas presenciais da rede pública e privada em nível básico e superior. E, para manter as atividades educacionais foi adotado o ensino remoto emergencial (ERE). Este trabalho é uma Revisão Sistemática de Literatura das contribuições da comunidade científica brasileira, entre janeiro de 2020 a abril de 2021. O objetivo é identificar os impactos causados pela pandemia sobre o trabalho docente e a aprendizagem dos alunos nas instituições de Ensino Superior, além de refletir sobre a adoção do ERE. Para além de uma solução educacional para a pandemia COVID-19, o ERE apresentou a realidade iminente do uso das tecnologias digitais de informação e comunicação no contexto educacional. Essa mudança repentina além de ressaltar as desigualdades sociais e econômicas entre os envolvidos e excluídos do processo de ensino-aprendizagem remota, também chama atenção para as desigualdades culturais quanto ao letramento digital de professores e alunos, o que constitui ponto importante para fluência e entrosamento nessa nova modalidade de ensino desse novo (nem tanto) tempo.

**Palavras-chave:** Ensino híbrido. Aprendizagem remota. Educação. COVID-19

**ABSTRACT**

Faced with the scenario of the COVID-19 pandemic, government authorities applied regulatory and legal measures to contain the spread of the disease. These measures led to the closure of educational institutions, the cancellation or suspension of classroom classes in public and private schools at the basic and higher levels. And, to maintain educational activities, emergency remote education (ERE) was adopted. This work is a Systematic Literature Review of the contributions of the Brazilian scientific community, between January 2020 and April 2021. The objective is to identify the impacts caused by the pandemic on teaching work and student learning in higher education institutions, in addition to reflect on the adoption of the ERE. In addition to an educational solution for the COVID-19 pandemic, the ERE presented the imminent reality of the use of digital information and communication technologies in the educational context. This sudden change, in addition to highlighting social and economic inequalities between those involved and excluded from the remote teaching-learning process, also draws attention to cultural inequalities regarding the digital literacy of teachers and students, which is an important point for fluency and rapport in this new teaching modality of this new (not so) time.

**Keywords:** Blended learning. Remote Learning. Education. COVID-19

---

<sup>1</sup> [samuellgomes@gmail.com](mailto:samuellgomes@gmail.com) - IFRJ

<sup>2</sup> [evelyn.morgan@ifrj.edu.br](mailto:evelyn.morgan@ifrj.edu.br) - IFRJ

<sup>3</sup> [fabiofcx@gmail.com](mailto:fabiofcx@gmail.com) - IEAPM

## 1 INTRODUÇÃO

O ano de 2020 começou ameaçado pelo surto da COVID-19. Ainda em janeiro, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a situação como emergência de saúde pública de importância internacional e, no início de março, avançou como uma pandemia em vários países e regiões do mundo (OPAS/OMS-2021).

Diante do cenário pandêmico, autoridades governamentais aplicaram medidas normativas e legais para conter a propagação da doença, como o distanciamento físico/social sugerido pela OMS. Essas medidas afetaram a vida como um todo e, no setor educacional, provocaram o fechamento das instituições de ensino, o cancelamento ou suspensão das aulas presenciais da rede pública e privada em nível básico e superior (PEREIRA et al., 2020; ALMEIDA E ALVES, 2020). Foi decretado em 17 de março de 2020 pelo Ministério da Educação, através da Portaria nº 343, a suspensão de aulas presenciais e sua substituição por atividades não presenciais apoiadas por meios digitais enquanto durar a situação de pandemia COVID-19.

O isolamento social impôs aos gestores educacionais, corpo docente e discente, o desafio de adaptação e transformação sem precedentes (OECD, 2021), obrigando-os a um novo modelo educacional, mediado pelas tecnologias digitais e pautado nas metodologias de educação *on-line*.

Nesse sentido, é relevante avaliar os impactos da COVID-19 na Educação a fim de buscar uma melhor compreensão da situação e aperfeiçoar as medidas até então adotadas. Este trabalho é uma Revisão Sistemática de Literatura das contribuições da comunidade científica brasileira, entre janeiro de 2020 a abril de 2021.

O objetivo dessa pesquisa é identificar os desafios e efeitos do ensino remoto emergencial (ERE) aplicado nas instituições de Ensino Superior durante a pandemia COVID-19. A partir dos textos analisados, serão abordados os impactos causados pela pandemia sobre o trabalho docente e a aprendizagem dos alunos, além de reflexões sobre a adoção do ensino remoto emergencial como um meio de mitigar as consequências sofridas até então.

A produção desse artigo se volta para publicações sobre Educação no Ensino Superior, pois quando do desenvolvimento desta pesquisa a base de dados consultada não tinha produções relacionadas à Educação Básica e a COVID-19. Esta ausência de publicações denuncia uma falta de visibilidade e voz a alunos e professores da Educação Básica que também foram alcançados pela pandemia e sofreram suas consequências. Qual seria a razão desta falta de

publicações? Os altos critérios para se publicar? A falta de pesquisadores na Educação Básica? A falta de incentivo à pesquisa e publicação de trabalhos por profissionais dessa área? Enfim, os questionamentos são inúmeros, mas o ponto aqui é mostrar que o tema foi delimitado na área de Educação, mas o viés Educação Superior não foi escolhido por nós, contudo nos escolheu durante a elaboração dessa pesquisa.

## **2 ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NO CONTEXTO DA PANDEMIA COVID-19**

A situação pandêmica instalada pela propagação da COVID-19 exigiu das Instituições de Ensino Superior (IES) decisões sobre como lidar com os processos de ensinar e aprender de modo que os agentes envolvidos (instituições de ensino, professores, estudantes e funcionários) sejam protegidos da contaminação e da propagação do vírus (HODGES et al., 2020). A suspensão das aulas presenciais levou muitas IES a optarem pela utilização do Ensino Remoto Emergencial como forma alternativa para prosseguir com o ano letivo. No entanto, embora essa modalidade também utilize frequentemente o ambiente *on-line* para o ensino das disciplinas curriculares, ela se diferencia do Ensino a Distância (EaD) em termos de características e possibilidades de implicações para a educação (GARCIA; MORAIS; ZAROS; RÊGO, 2020).

Apesar do ensino remoto e o EaD terem relação direta com o uso da tecnologia digital, os dois se constituem tipos diferentes de ensino. Um curso de educação a distância criado especialmente para ser acessado *on-line* envolve formas síncronas, quando o professor e o estudante estão ao mesmo tempo em aula, e/ou assíncrona, quando ambos realizam suas atividades educacionais em horários diferentes, além de diferentes instrumentos de avaliação. Embora a EaD possa ser realizada em diferentes meios (impresso, TV, rádio), desde a década de 1980, a principal forma tem sido *on-line*. Entre as possibilidades de ofertar o ensino por meio *on-line*, são comuns tanto cursos totalmente *on-line* quanto híbridos, nos quais uma parte do ensino é realizado no ambiente virtual e outra presencialmente (KAPLAN; HAENLEIN, 2016). O EaD envolve planejamento e uso de estratégias específicas como oferta de estrutura informacional adequada, apoio pedagógico aos estudantes, treinamento contínuo em tecnologias aos professores, suporte técnico, elaboração cuidadosa de material didático a serem utilizados nas aulas bem como entrega destes aos estudantes e a alocação desses no ambiente virtual (KAPLAN; HAENLEIN, 2016).

Por outro lado, o formato remoto comporta outras potencialidades e introduz desafios que envolvem o sincronismo da presença de alunos e instrutores, *expertise* e tecnologia e infraestrutura mais robustas (GARCIA; MORAIS; ZAROS; RÊGO, 2020). A oferta

improvisada das disciplinas curriculares pelas Instituições de Ensino Superior (IES) também tem sido chamada de Ensino Remoto Emergencial (HODGES et al., 2020).

Muitas IES migraram para o ensino remoto utilizando recursos *on-line* de modo não planejado, desconsiderando aspectos importantes da realidade de estudantes e professores assim como aspectos pedagógicos e tecnológicos envolvidos. Os riscos dessa prática podem ter excluído muitos estudantes que não tem acesso à Internet, computador e demais tecnologias requeridas para esse meio de ensino (OCDE, 2020), e tais instituições também podem ter falhado em prover recursos tecnológicos aos estudantes e capacitação aos professores para que pudessem planejar e viabilizar condições mínimas para o desenvolvimento e a implementação de um curso *on-line* de qualidade (HODGES et al., 2020).

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

Para alcançar os objetivos desta pesquisa foi adotada a estratégia de Revisão Sistemática da Literatura (RSL) seguindo as três etapas iniciais sugeridas por Sampaio e Mancini (2007): definir o objetivo da revisão; identificar a literatura; selecionar os estudos possíveis de serem incluídos. Segundo os autores, “essas etapas preliminares são importantes, uma vez que auxiliam os pesquisadores a adequarem a pergunta norteadora da revisão com base na informação disponível sobre o tema de interesse” (SAMPAIO; MANCINI, 2007, p. 85). De uma forma geral, esse método consiste na pesquisa em base científica, a partir de critérios de inclusão e exclusão para um portfólio bibliográfico e avaliação de determinado tema a fim de gerar uma contribuição e avanço naquele campo.

A Revisão Sistemática da Literatura é uma metodologia de pesquisa com rigor científico e transparência que busca produzir um retrato não enviesado do estado da arte, através do recolhimento metódico dos textos publicados sobre a temática em questão (FARIA, 2015). Para a estruturação deste artigo e relativo às etapas da revisão sistemática, adotou-se como referência os autores Sampaio e Mancini (2007) e Faria (2015), no planejamento, condução e redação dos resultados.

Muitos questionamentos sobre os desafios e métodos adotados pelas instituições de ensino superior durante a pandemia orientaram essa pesquisa, entretanto foi preciso selecionar as questões mais alinhadas ao objetivo geral deste trabalho. Dessa forma, foram definidas as seguintes questões da pesquisa:

Q1. Quais os impactos e desafios da COVID-19 na Educação Superior brasileira?

Q2. Quais dificuldades e desafios os professores e os alunos enfrentaram durante as aulas neste período de ensino remoto emergencial?

Q3. Quais reflexões podem ser levantadas sobre o ensino remoto emergencial durante o período de janeiro de 2020 a abril de 2021?

A fonte de dados selecionadas para a Revisão Sistemática da Literatura envolveu as publicações científicas da Biblioteca Eletrônica Científica *On-line* (SCIELO), por ser considerada em espaço de divulgação da produção científica dos centros de investigação das instituições de Ensino Superior do Brasil. Para a produção deste artigo, foram escolhidas publicações brasileiras entre janeiro de 2020 a abril de 2021, baseados em seus títulos e palavras-chaves, com a utilização da seguinte *string*<sup>4</sup> de busca: ((“COVID-19” OR “pandemia”) AND (“Educação remota” OR “Ensino remoto”). O uso da *string* anterior identificou 17 publicações a partir da utilização da opção de busca avançada. Usando aplicações diferentes da mesma *string*, se obteve o total 34 publicações, conforme apresentado na tabela abaixo.

<i>String</i>	SCIELO
COVID-19 AND Educação remota	3
COVID-19 AND Ensino remoto	4
Pandemia AND Educação remota	11
Pandemia AND Ensino remoto	16
<b>TOTAL</b>	<b>34</b>

Tabela 1 - Cadeia de busca e total de trabalhos resultantes.

A escolha por periódicos acadêmicos leva em consideração a abrangência que tal fonte oferece, e conforme aponta Sirinelli (1996, p. 249), eles minimizam as restrições e maximizam as vantagens:

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. [...] elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das idéias. Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão.

A divulgação das pesquisas em periódicos faz parte do processo de construção do conhecimento, em um contínuo diálogo coletivo, que pode ser feito e compreendido de maneira mais ampla nesses lócus de publicação.

A relevância em relação às questões de investigação, determinada através da análise do título, palavras-chave e resumo, foi considerada para a inclusão dos trabalhos na pesquisa. Dessa forma, foram definidos quatro critérios de inclusão (CI):

---

<sup>4</sup> Uma cadeia de caracteres ou *string* é uma sequência de caracteres, geralmente utilizada para representar palavras, frases ou textos de um programa.

CI.1 - Foram considerados para o estudo apenas artigos científicos, relatos de casos e/ou artigos de revisão.

CI.2 – O trabalho relata experiências ou estudos empíricos sobre impactos da pandemia COVID-19 na educação ou sobre o ensino remoto durante este período.

CI.3 – O trabalho apresenta reflexão teórica sobre metodologias e estratégias educacionais adotadas no período da pandemia.

CI.4 – O trabalho discute aspectos relativos à tecnologia utilizada para o ensino remoto.

A seguir, foram excluídos os estudos conforme os seguintes critérios de exclusão (CE):

CE.1 - Estudos feitos em outros países e publicados em outros idiomas.

CE.2 - Estudos com conteúdo irrelevante em relação aos domínios de pesquisa;

Após a aplicação desses critérios, foram considerados 12 artigos pertinentes ao escopo deste estudo dentre os 34 artigos resultantes da busca. A Tabela 2 mostra o refinamento dos resultados após adoção dos critérios já expostos.

Total de publicações	Incluídos	Excluídos		Total de estudos pré-selecionados
		CE1	CE2	
34	20	2	6	12

Tabela 2 – Resultado primário da busca

Numa segunda fase de seleção, os 12 artigos incluídos na primeira fase a partir da análise dos resumos, foram lidos por inteiro e aplicados novamente os critérios de exclusão. Assim, foram rejeitados três estudos: um por ser editorial e dois por terem foco em aspectos específicos da área da psicologia. Dessa forma, para a constituição do corpus de análise do estudo foram considerados 9 estudos apresentados na tabela 3.

Revista	Título	Tipo	Principais Métodos
Movimento <sup>5</sup>	Educação Física escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares	Artigo	Estudo exploratório Questionário <i>on-line</i>
Revista Brasileira de Educação Médica <sup>6</sup>	Educação remota na continuidade da formação médica em tempos de pandemia: viabilidade e percepções	Artigo	Questionário <i>on-line</i>
	Ensino em Saúde LGBT na Pandemia da Covid-19: Oportunidades e Vulnerabilidades	Artigo	Relato de experiência

<sup>5</sup> Publicação da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desde seu primeiro número, publicado em setembro de 1994, a revista mantém o objetivo de ser um espaço para a divulgação da produção cultural e científica da Educação Física nacional e internacional.

<sup>6</sup> É o órgão de divulgação científica da Associação Brasileira de Educação Médica. Publica conteúdo das áreas de Ciências da Saúde e Ciências Humanas. Sua primeira edição foi publicada em agosto de 1977.

	O Ensino da Anamnese Assistido por Tecnologias Digitais durante a Pandemia da Covid-19 no Brasil	Artigo	Relato de experiência
Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação <sup>7</sup>	Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial	Artigo	Análise Documental
Educação & Sociedade <sup>8</sup>	Ensino Superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária	Artigo	Análise Documental
Revista Brasileira de Ensino de Física <sup>9</sup>	Elaboração e avaliação da disciplina remota de Física 1 na UFRJ durante a pandemia de Covid-19 em 2020	Artigo	Estudo de Caso
Fisioterapia em Movimento <sup>10</sup>	Análise do ensino em fisioterapia no Brasil durante a pandemia de COVID-19	Artigo	Questionário <i>on-line</i>
Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil <sup>11</sup>	COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários	Artigo	Revisão Bibliográfica

Tabela 3 – Estudos resultantes da revisão de literatura

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta parte do trabalho se destina a apresentação e discussão dos resultados encontrados no estudo e as respostas às questões de pesquisa definidas no protocolo desta revisão sistemática da literatura que eram identificar os impactos causados pela pandemia sobre o trabalho docente e a aprendizagem dos alunos e refletir sobre a adoção do ensino remoto emergencial como um meio de mitigar as consequências sofridas até então.

Medeiros et al. (2021) no artigo “Análise da educação fisioterapêutica no Brasil durante a pandemia COVID-19” realizaram um estudo transversal com docentes de cursos de fisioterapia do país através de formulário eletrônico distribuído por aplicativo de mídia social, contendo questões relacionadas às características dos docentes, da instituição de ensino e do processo de trabalho. Os formulários foram respondidos por 313 docentes dos cursos de graduação em fisioterapia de 22 unidades da federação, sendo 62,94% trabalhadores de instituições de ensino (IES) privadas.

De acordo com a pesquisa, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi adotado por 99,49% das IES privadas, enquanto 69,83% das escolas públicas suspenderam o calendário

<sup>7</sup> Revista vinculada à Fundação CESGRANRIO. Publica artigos relacionados à Ciências Humanas, subárea: educação.

<sup>8</sup> Publicação do Centro de Estudos Educação e Sociedade – Cedes. A revista, indexada internacionalmente, recebe contribuições de autores de diversos países.

<sup>9</sup> Publicação da Sociedade Brasileira de Física (SBF), dedicada a aspectos culturais e temas da área de física, com uma abordagem ampla e pedagógica.

<sup>10</sup> Revista da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Publicada desde 1989 e disponibilizada apenas em formato digital desde 2013.

<sup>11</sup> A Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil (RBSMI) / Brazilian Journal of Mother and Child Health (BJMCH) é um periódico de circulação internacional, publicado pelo Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira.

acadêmico. Esse dado demonstra as desigualdades de condições e acesso à Educação Superior no país. As instituições públicas suspenderam o calendário dada a complexidade da implantação de um ensino remoto emergencial que envolvesse todos os professores e alunos. Por outro lado, a maioria das instituições privadas adotaram o ensino remoto emergencial não como garantia de inclusão de todos os envolvidos no processo educativo, mas buscando manter a prestação do serviço educacional contratado bem como os pagamentos derivados dele.

No artigo analisado, a maioria dos professores que adotou o ensino remoto emergencial (ERE) relatou que não houve um período de planejamento entre a suspensão das aulas presenciais e a adoção do ERE. Também relataram que a instituição ofertou pouca capacitação para a utilização de tecnologias de informação e comunicação. Essa falta de tempo de planejamento e capacitação dos docentes impactam o trabalho do professor como uma todo e refletem na relação de ensino-aprendizagem. Apesar disso, há relatos de que a instituição oferecia suporte para o ensino remoto, mas não há descrição do que seria esse suporte, podemos deduzir por equipamentos, acesso à internet, suporte de TI ou até mesmo outros itens não considerados aqui.

Os docentes ainda relataram que houve planejamento conjunto entre os docentes do curso para o início das atividades do ensino remoto, o que de certa forma ajuda na criação de uma rede de apoio entre professores do mesmo curso.

Segundo a pesquisa, as atividades práticas e os estágios foram suspensos. Uma medida necessária para evitar aglomerações, exposições desnecessárias e contaminações pelos vírus. Contudo, fica o questionamento sobre como essas atividades seriam feitas ou repostas para as turmas, especialmente aos concluintes.

Já em relação aos estudantes, a maioria dos docentes relataram que houve aceitação dos estudantes ao ensino remoto e acreditaram que os alunos estavam desenvolvendo parcialmente as competências esperadas. Mas, os docentes também afirmaram que não estavam desenvolvendo suas atividades com a qualidade desejada.

Vale destacar que a falta de planejamento para a adoção do ERE e a pouca capacitação dos docentes para utilização das tecnologias digitais da informação e comunicação resultou numa sobrecarga de trabalho para os docentes - tanto os que dominavam as tecnologias, e ainda mais para os que estavam se familiarizando. As demandas do trabalho docente se encontraram, misturaram e se confrontaram com as demandas da casa, da família, do isolamento e da sobrevivência; assim como essa realidade também foi experimentada pelos estudantes.

Na discussão de seus resultados, Medeiros et al (2021) abordam a questão da expansão de novos cursos de fisioterapia, de maneira desregulada e sem planejamento, com o aumento

da oferta de novas vagas pela iniciativa privada. Para os autores, essa expansão estaria relacionada a maior adesão pelo ensino remoto emergencial por estas instituições que se “conformam grandes conglomerados educacionais voltados à lógica do mercado e do lucro, o que pode justificar, nessas IES, a escolha da manutenção das atividades pedagógicas para a garantia do pagamento das mensalidades e redução da evasão, evitando o acúmulo de prejuízos” (Medeiros et al, 2021, p. 6).

Dessa forma, o ensino remoto emergencial teria aberto um precedente para a formação de profissionais sem os devidos critérios e exigências para um bom desempenho de sua função para com a sociedade, mas atendendo simplesmente aos negócios dos grupos financeiros educacionais. Um aspecto negativo do ensino remoto emergencial que pode perdurar por mais tempo do que a própria pandemia.

Outro ponto citado pelos autores foi que uma parcela das instituições de ensino não atendeu a normativa publicada pelo Ministério da Educação e Cultura sobre atividades práticas e estágios que deveriam seguir às Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de fisioterapia, o que contribuiu para a fragilização do processo ensino-aprendizagem durante a pandemia.

Dentre os demais impactos e desafios do cenário pandêmico abordado pelos autores podemos ainda destacar: a adoção ensino remoto emergencial (ERE) de forma abrupta – com o semestre ainda em curso – e sem a devida formação e capacitação dos docentes para que não fosse uma mera reprodução *on-line* do ensino tradicional; a possibilidade da sobrecarga das atividades síncronas, assíncronas e avaliativas aumentarem os riscos de comprometimento da saúde mental já existentes devido à situação de isolamento social, medo eminente de transmissão da doença, além de longas horas em trabalho no computador, smartphones, tablets ou outros.

Dentre as reflexões feita pelos autores sobre o ERE destacamos:

“O ERE demanda adaptações quanto ao tempo e objetivos de atividades síncronas como aulas, palestras e reuniões para que sejam otimizados, além disso, a diversificação de atividades como vídeos, jogos, trabalhos em grupos e textos, possibilitando que estudantes com estilos de aprendizagem distintos se sintam contemplados. O contato frequente com os estudantes, mantendo-se uma relação dialógica para identificar problemas de acesso, conexão, aprendizagem e familiaridade com as ferramentas, torna-se fundamental para manter o estudante engajado no processo de aprendizado, que agora mais do que nunca requer o seu protagonismo.” (Medeiros et al., 2021, p. 7)

Santos, Silva e Belmonte (2021) no artigo intitulado “COVID-19: ensino à distância de emergência e saúde mental de professores universitários” realizaram uma revisão bibliográfica nas literaturas de língua portuguesa, inglesa e espanhola de duas abordagens temáticas: “O ensino remoto emergencial e as dificuldades/desafios dos docentes” e “A saúde mental dos

docentes durante a pandemia da COVID-19”. Os autores destacaram como resultados da pesquisa os desafios e dificuldades encontrados pelos docentes no atual contexto educacional. Diante das novas exigências provocadas pela pandemia da COVID-19, os docentes foram afetados em aspectos financeiros, afetivos e motivacionais em sua rotina social e laboral por conta do aumento da carga horária, do ritmo e diversidade do trabalho.

A adesão ao ensino remoto se tornou um grande desafio para os professores que além das adversidades impostas pelo contexto pandêmico também lhes foi imposta a necessidade de se reinventar, inovar suas estratégias pedagógicas e, ao mesmo tempo, manter a qualidade do ensino. Tudo isso dentro de suas casas, o que têm causado uma sensação de perda da vida privada e familiar dos professores. A vida *on-line* e *off-line* foi miscigenada pela expressão velada “estar mais próximo do aluno” e suas rotinas diárias têm sido totalmente alteradas. O cenário de crise sanitária é por si só um agente estressor e somado as novas demandas do trabalho docente, inúmeros professores vêm adoecendo física e mentalmente em silêncio.

Machado et al. (2020) realizaram uma pesquisa de abordagem qualitativa com professores que atuavam em escolas do Rio Grande do Sul e estavam trabalhando com Educação Física pelo ensino remoto a fim de compreender o modo como a Educação Física tinha se posicionado no cenário das aulas remotas. O instrumento utilizado foi um questionário com 20 perguntas enviado por e-mail.

Dentre os resultados da pesquisa dos autores e as respostas buscadas no presente estudo destacamos as que se referem aos desafios e dificuldades experimentados por docentes e discentes, salientam-se: o desconhecimento e falta de acesso a tecnologias da informação e da comunicação, a valorização de saberes corporais em detrimento de outros e a falta de interação.

Sobre o acesso às tecnologias digitais e internet, Machado et al. (2020, p. 9) destacam:

Embora as tecnologias possam ser uma ferramenta explorada pelos professores, os desafios ainda são grandes para transformar, por exemplo, o celular em ferramenta para estudo. Além das dificuldades de acesso às plataformas de ensino e do grande número de brasileiros sem acesso à internet, acrescentam-se os brasileiros que têm acesso precário à internet, subindo para 70 milhões (SOPRANA, 2020). Há uma maior desigualdade social dos brasileiros quando é feito o recorte das classes D e E. Dos que têm acesso à rede, 85% utilizam a internet só pelo celular e com pacotes limitados. Além disso, as antenas de celulares devem enviar sinal para 1.500 aparelhos. Nas periferias, esse número pode chegar a 12 vezes mais aparelhos conectados a uma mesma antena, tornando o sinal muito fraco. Mesmo os brasileiros que têm algum acesso à internet enfrentam diversas outras dificuldades, o que muitas vezes torna as aulas digitais inviáveis (AGÊNCIA BRASIL, 2020b).

Mesmo tendo sido voltado para área da Educação Física, a pesquisa de Machado et al (2020) apresentou resultados que também foram experimentados por outras disciplinas,

docentes e discentes no período pandêmico e de adequação ao ensino remoto. E, considerando que a pandemia ainda não acabou, os apontamentos sobre as desigualdades de acesso e socioeconômicas apontadas tendem ao aprofundamento que dificultará ainda mais na promoção de “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola” (BRASIL, 1996).

Em “Educação remota na continuidade da formação médica em tempos de pandemia: viabilidade e percepções” Silva et al. (2021) realizaram um estudo com o objetivo de avaliar a viabilidade da implantação da educação remota para todos os 266 discentes regularmente matriculados no bacharelado em Medicina da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPa), no Piauí, que cursavam entre o primeiro e o oitavo período. Excluíram-se da análise todos os alunos com pendências matriculares ou que estavam cursando os períodos que compõem o estágio curricular obrigatório de caráter essencialmente prático (entre o nono e o décimo segundo período). A pesquisa foi feita através da aplicação de um formulário *on-line* com questões sobre aspectos demográficos e socioeconômicos, sobre acesso as tecnologias digitais e uma pergunta subjetiva relacionada ao uso do ensino remoto, o enunciado da questão foi o seguinte: “Dê sua opinião sobre uma possível solução ao problema enfrentado em poucas palavras. Essa resposta não é obrigatória”.

O perfil socioeconômico de 266 participantes foi variado, sendo a maioria dos discentes brasileiros do sexo masculino, adultos jovens, cor da pele parda e renda familiar média elevada. Todos relataram ter acesso à energia elétrica, mas não à água encanada, à coleta pública de lixo e ao esgotamento sanitário. Todos possuíam pelo menos um equipamento eletrônico para acesso à internet, mas com variação no tipo e na velocidade da conexão. Um total de 80,8% dos discentes avaliou como viável a implantação da educação remota para o seguimento do curso. No entanto, 8,65% dos discentes afirmaram que os equipamentos e a internet disponíveis não permitiriam o acompanhamento das atividades on-line.

Dentre os resultados do estudo foi observada uma correlação significativa entre a velocidade de acesso à internet e a renda familiar média, a cor da pele e o local da residência, bem como entre possuir equipamentos adequados a educação remota e a renda familiar média. Mais uma evidência das desigualdades sociais presentes em nosso país e ainda mais agravadas pelo contexto da pandemia e pela adoção do ensino remoto emergencial pela maioria das instituições privadas em detrimento da maioria das instituições públicas. Além disso, a amostra da pesquisa apontou que tal curso de medicina não tem representatividade feminina e, economicamente, é representado por pessoas de classe privilegiada - renda média elevada, o que torna o nicho da pesquisa muito específico com resultados dificilmente reproduzidos da mesma forma em outros cursos superiores e instituições.

A pesquisa apontou que apenas o seguimento da educação remota, sem garantia de acesso para todos os discentes, era insuficiente e necessitava da intervenção dos gestores para não haver prejuízo na aprendizagem daqueles menos favorecidos. Esse ponto evidenciado pela pesquisa é importante para aprofundamento da reflexão sobre o ensino remoto, pois a pesquisa não deve ser feita para tornar invisíveis aqueles que não tem acesso a equipamentos ou internet, mas sim, buscar soluções a fim de sanar esses problemas e incluir o maior número de pessoas no processo de ensino-aprendizagem na realidade remota.

Já no artigo “Elaboração e avaliação da disciplina remota de Física 1 na UFRJ durante a pandemia de Covid-19 em 2020” os autores Paula et al. (2021) explicaram em seu estudo como a disciplina de Física 1, com o maior contingente de alunos, foi reestruturada para a forma remota durante a pandemia, a prática de metodologias ativas dentro da disciplina e como foi desenvolvida ao longo do primeiro período por meio de avaliações estatísticas de diversos aspectos incluindo pareceres dos estudantes envolvidos.

O artigo abordou as estratégias adotadas na reestruturação ou, como mencionado pelos autores, elaboração de um curso totalmente remoto, bem como os resultados de uma ampla avaliação de diferentes aspectos da disciplina, tais como, desempenho dos alunos, alcance do material preparado, percepção dos alunos após o fim do semestre, entre outros.

Dentre as estratégias usadas na reestruturação da disciplina destacaram: a elaboração de uma página no *Wordpress* com todas as informações da disciplina; a criação de videoaulas para o canal da disciplina na plataforma *Youtube*; o uso da plataforma *Zoom* para aulas síncronas, atendimento com professores e com monitores – alunos veteranos já aprovados na disciplina; o uso o recurso “enquete” (*quiz*) do *Zoom* para testar a compreensão dos alunos durante as aulas síncronas; o uso da plataforma *Polimoodle* para realização de todas as avaliações remotas e a adoção de questionários *on-line*, lista de grupos e provas como instrumentos de avaliação da aprendizagem; além da utilização da metodologia ativa “instrução em pares” nas aulas síncronas ministradas pelo *Zoom*.

O estudo foi muito rico na descrição das etapas da pesquisa e análise dos resultados, inclusive também apresentou algumas iniciativas a serem incorporadas nos próximos semestres. Cabe aqui destacar a reflexão feita pelos autores ao final do trabalho de que o formato remoto pode promover uma redução das desigualdades sociais na educação, pois no caso da UFRJ foi provido o acesso à internet, por meio de compra de *chips* de celular e equipamentos para estudantes de baixa renda. E, uma vez garantido o acesso remoto por parte dos alunos, caberia investigar se a economia de tempo, dinheiro em transporte e alimentação e redução de estresse devido à exposição à violência urbana, podem ser determinantes para que alunos menos

favorecidos financeiramente tenham mais disposição para aprender e se dedicar aos estudos, resultando em um melhor desempenho. Esse estudo propõe um aspecto positivo ao ensino remoto, uma vez ofertada as devidas estruturas aos estudantes de baixa renda.

A pesquisa se destaca no universo das 9 analisadas na revisão sistemática da literatura, pois é única que propõe uma reestruturação disciplinar com indicação de tantos recursos (plataformas, instrumentos avaliativos...) além de mapear o feedback dos discentes envolvidos no processo. Com isso, ela demonstra que o planejamento, formação, estruturação, alocação dos devidos recursos para os atores envolvidos e reflexão durante e após a prática são fundamentais para adoção do ensino remoto. O termo “emergencial” nesse tipo de ensino não deve ter a tônica do desespero e da irresponsabilidade nesse novo modelo de ensino.

Dentro da mesma perspectiva de reestruturar disciplinas do ensino presencial para o ensino remoto, Magalhães et al. (2020) em “O Ensino da Anamnese Assistido por Tecnologias Digitais durante a Pandemia da Covid-19 no Brasil” apresentou um relato de experiência de monitoria *on-line* na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) na qual ex-monitores, de períodos anteriores, poderiam ministrar cursos remotos utilizando as tecnologias possíveis e sob orientação de docentes responsáveis. A temática escolhida pelos monitores foi anamnese por se tratar de um assunto-base do primeiro período do curso de Medicina da UFAL, Campus Arapiraca.

Os autores relataram que o curso foi construído de forma remota por meio de plataformas digitais, como *Google Meets* e portal do serviço de conferência web da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP). Foram 54 inscrições de alunos de Medicina, e 38 (70,3%) cumpriram os requisitos para certificação e finalizaram. Produziram-se 22 podcasts, hospedados nas plataformas *Anchor* e *Spotify*, além de seis formulários do *Google* com questões acerca dos conteúdos dos podcasts. Utilizaram-se as plataformas *Kahoot*, um jogo com questões para aumentar a interação e o *Padlet*, um “mural virtual” no qual eram postados os conteúdos do curso.

Apesar da pesquisa ter utilizado diferentes aplicativos e recursos tecnológicos a fim de diversificar e personalizar os tipos de aprendizagem ainda assim dos 54 inscritos apenas 38 concluíram a disciplina, o que deixa implícito problemas que estão para além da tecnologia e acesso à internet e que estão ligados à evasão não só nas disciplinas, mas em cursos e escolas.

A pesquisa além de pontuar os desafios da pandemia à educação superior como implantação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação Medicina, apresentou como aspecto positivo do ensino remoto a inserção de tecnologias na educação. Apesar da insuficiência para sanar os prejuízos causados na educação pela pandemia, essas

tecnologias conferem aos professores, aos alunos e às instituições de ensino a capacidade de adequação aos meios disponíveis para minimizar prejuízos. O trabalho atribuiu a efetividade do processo de ensino-aprendizagem à utilização de plataformas interativas.

Entretanto, até que ponto foi efetivo se nem todos os alunos inscritos concluíram a disciplina? E, sobre a inclusão de tecnologias na educação, elas já estavam disponíveis ao ensino e aprendizagem antes da pandemia, contudo a condição de “disponíveis” foram para a condição de “impostas” por conta do ensino remoto emergencial. Dessa forma, o que provocou uma adesão por imposição pode também resultar numa rejeição pós-pandemia por aversão a tudo que se viveu e experimentou durante este período e pelo excesso de telas, lives, aplicativos e experiências remotas.

No estudo de Morais Neto et al. (2020) “Ensino em Saúde LGBT na Pandemia da Covid-19: Oportunidades e Vulnerabilidades” os autores abordaram a educação em saúde da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) pelas escolas médicas a partir do relato de experiência de uma universidade do Rio Grande do Norte em que uma disciplina optativa de Atenção à Saúde da População LGBT, que já seria ministrada no formato presencial, sofreu modificações e acabou por ser ofertada no modelo remoto, e da disciplina de semiologia de uma faculdade de São Paulo que se viu obrigada a mudar a sua aula com a mesma temática em decorrência do isolamento social.

As experiências analisadas pelos autores trouxeram o levantamento de uma série de oportunidades e vulnerabilidades trazidas por esse momento de reformulações no ensino. Como destacado na pesquisa, a modalidade remota expôs e expandiu desigualdades sociais por conta da necessidade de equipamentos e internet para acesso aos conteúdos, marginalizando uma parcela vulnerável da população. O ambiente digital foi considerado inseguro para o pronunciamento de pessoas LGBT. Em contrapartida, essa modalidade permitiu a ampliação do público atingido pelas atividades, resultante da diminuição dos custos e da quebra de barreiras geográficas permitidas pelo ambiente digital. Surgiram inovações nas ferramentas de ensino, como uso de podcasts e vídeos, flexibilizando as formas de ensino e divulgação de informações. Além disso, na pesquisa citada, o modelo remoto permitiu que barreiras burocráticas fossem rompidas e a matrícula de alunos de outros campus e cursos se tornasse possível, foram aceitos estudantes de cidades, orientações sexuais e de gênero diferentes.

O artigo de Morais Neto et al (2021) foi original dentro do universo dos 9 artigos analisados por tratar da educação em saúde da população LGBT, dando voz à representantes dessa população através do uso das tecnologias digitais adequadas ao ensino remoto, tornando a universidade um ambiente mais democrático e aberto a esse grupo, por divulgar um modelo

de ensino que promove a igualdade e a diversidade sem perder a criticidade sobre o uso de ferramentas tecnológicas na educação.

O artigo “Ensino Superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária” de Gusso et al. (2020) tratou de diretrizes para orientar o trabalho de gestores universitários ao avaliarem as dificuldades e limitações impostas pela situação emergencial decorrente da pandemia, bem como lidarem com elas, de maneira a promover condições de trabalho e pedagógicas, viáveis e seguras, a professores e estudantes.

As diretrizes foram baseadas numa concepção de Ensino Superior orientada para o desenvolvimento da capacidade de atuação profissional, além de considerar as variáveis que interferem no processo educacional, como: proporção entre quantidade de computadores disponíveis e quantidade de pessoas que necessitam utilizá-los para trabalho ou estudo; repertório de professores e estudantes para manejo da plataforma de ensino; características do ambiente de trabalho e estudo; tempo disponível do estudante para participar das aulas; expectativas que cada pessoa envolvida no processo de ensino-aprendizagem possui em relação a esse processo; objetivos de aprendizagem possíveis de serem ensinados em cada disciplina e a distância; condições dos professores para planejar e implementar as condições do ensino; e condições dos professores para avaliar a aprendizagem dos estudantes.

As variáveis destacadas na pesquisa são importantes para orientar as ações de enfrentamento da pandemia e as adaptações ao ensino remoto emergencial, uma vez que consideram o envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e as estruturas e meios pelos quais perpassa esse processo. O trabalho alerta para o cuidado com aquilo que será feito no período emergencial e após a emergência; bem como para as decisões que serão tomadas de acordo com as concepções que definem o Ensino Superior. Pois, apesar de se tratar de uma situação emergencial, o ensino não pode constituir prática sem planejamento, de improviso e com características meramente burocráticas. “É importante que a adoção do ensino remoto envolva oportunidades para planejar condições de ensino que promovam o desenvolvimento de aprendizagens de Ensino Superior, mais do que de adesão e repetição de conteúdos” (Gusso et al., 2020, p. 9)

O trabalho dos autores identificou os desafios e impactos da pandemia na formulação das variáveis para caracterizar professores e estudantes envolvidos no ensino remoto, propôs uma reflexão crítica sobre o ensino remoto em duas perspectivas – um caminho simples de implementação e um caminho complexo que viabiliza melhores condições de trabalho e de ensino, garantindo o atendimento do papel do Ensino Superior na sociedade, e por fim, o produto da pesquisa pode ser caracterizado como uma diretriz para viabilizar acesso ao Ensino

Superior em tempos de pandemia orientada para o desenvolvimento da capacidade de atuação profissional (em oposição à transmissão de conteúdo).

O último trabalho analisado foi o de Castioni et al. (2021) intitulado “Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial” que discutiu a paralisação das atividades de Ensino nas universidades federais brasileiras quando da eclosão da pandemia da Covid-19 e em que medida a falta de acesso à internet interditou a retomada dessas atividades de forma remota.

Os autores abordaram estratégias político-educacionais de enfrentamento à pandemia confluentes às recomendações da OMS, analisaram as respostas imediatas das universidades quando as atividades presenciais precisaram ser suspensas, além de terem apresentado dados da Pnad-Contínua, do IBGE, que dimensionaram o tamanho do problema de acesso à internet entre estudantes da Educação Superior – 98% estavam conectados e 2% sem acesso. No tocante aos 2% sem acesso, o trabalho apontou a urgência em viabilizar internet e letramento digital a esse grupo, pois esse dado não transpareceu justificativa consistente para prolongar a interrupção das atividades de ensino-aprendizagem. Uma das sugestões apresentada pelos autores foi distribuir *chips* de dados e equipamentos para estudantes da Educação Superior, podendo ser complementada com a abertura dos *campi* em horários específicos e pré-agendados para quem não consegue acesso porque nem todos os domicílios dispõem de infraestrutura para acesso à internet, pois sequer captam sinal de celular.

A pesquisa apontou os desafios da pandemia e do ensino remoto emergencial (ERE) como uma oportunidade de as universidades conhecerem melhor suas capacidades e necessidades para cumprirem melhor suas missões. Nesse sentido, ter um melhor conhecimento sobre as condições socioeconômicas dos sujeitos, através dos dados que já estão sendo construídos, é essencial para estabelecer parâmetros que auxiliem no planejamento da implantação do ensino remoto emergencial. Vale ressaltar que apesar de se conhecer as capacidades e necessidades de uma universidade, é apenas com recursos públicos que essas necessidades podem ser sanadas, o que depende diretamente da intervenção do Estado e da alocação de recursos destinados por ele em programas que visem mitigar essas necessidades.

Para Castioni et al. (2021) o ensino remoto emergencial surgiu como caminho imediato em meio à pandemia, mas serão as metodologias de ensino híbrido que tenderão a se consolidar no mundo pós-pandemia – o que, cedo ou tarde, exigirá das universidades federais brasileiras novas atitudes e estratégias. Concorde-se com os autores nesse vislumbre do ensino híbrido como futuro possível haja vista as possibilidades que se tem experimentado fora das instituições de ensino como redes sociais, jogos *on-line*, interne das coisas, aplicativos de produtos e

serviços, recursos que nos tornam mais conectados, dependentes e, por que não, doentes e reféns de nossos *smartphones*, *tablets* e afins.

Abaixo apresentamos uma tabela com as principais ideias dos artigos analisados.

Título do Artigo	Informações em Destaque
<p>Análise do ensino em fisioterapia no Brasil durante a pandemia de COVID-19</p>	<p>Pesquisa foi feita por formulário eletrônico para docentes de cursos de fisioterapia do país.</p> <p>Consulta sobre características dos docentes, das instituições de ensino e do processo de trabalho durante a pandemia.</p> <p>Mais da metade das respostas dos formulários foram de docentes de instituições privadas de Ensino Superior.</p> <p>O ensino remoto emergencial (ERE) foi adotado por quase todas as instituições de ensino superior (IES) privadas, enquanto mais da metade das IES públicas suspenderam o calendário.</p> <p>Segundo a maioria dos professores consultados, não houve um período de planejamento entre a suspensão das aulas presenciais e a adoção do ERE.</p> <p>As instituições ofereceram pouca capacitação para utilização de tecnologias de informação e comunicação.</p> <p>Na visão dos docentes, os estudantes estavam desenvolvendo parcialmente as competências esperadas e os docentes não estavam desenvolvendo suas atividades com a qualidade desejada.</p> <p>O trabalho docente foi sobrecarregado por conta da falta de planejamento para a adoção do ERE.</p> <p>O contexto pandêmico oportunizou a expansão de novos cursos de fisioterapia de maneira desregulada e sem planejamento.</p> <p>Algumas IES não atenderam as normativas do MEC sobre atividades práticas e estágios o que contribuiu para a fragilização do processo de ensino-aprendizagem durante a pandemia.</p>
<p>COVID-19: ensino à distância de emergência e saúde mental de professores universitários</p>	<p>A pesquisa foi uma revisão bibliográfica nas literaturas de língua portuguesa, inglesa e espanhola. Destaques para os desafios e dificuldades encontrados pelos docentes no atual contexto educacional, como: os docentes foram afetados em aspectos financeiros, afetivos e motivacionais em sua rotina social e laboral por conta do aumento da carga horária, do ritmo e diversidade do trabalho.</p> <p>Aos professores, além das adversidades impostas pelo contexto pandêmico, também lhes foi imposta a necessidade de se reinventar, inovar suas estratégias pedagógicas e, ao mesmo tempo, manter a qualidade do ensino e tudo isso dentro de suas casas.</p> <p>O cenário de crise sanitária é por si só um agente estressor e somado as novas demandas do trabalho docente, inúmeros professores vêm adoecendo física e mentalmente em silêncio.</p>

<p>Educação Física escolar em tempos de distanciamento social: panorama, desafios e enfrentamentos curriculares</p>	<p>Pesquisa de abordagem qualitativa com professores que atuavam em escolas do Rio Grande do Sul e estavam trabalhando com Educação Física pelo ensino remoto.</p> <p>Destaque para os resultados da pesquisa referentes aos desafios e dificuldades experimentados por docentes e discentes, como: o desconhecimento e falta de acesso a tecnologias da informação e da comunicação, a valorização de saberes corporais em detrimento de outros e a falta de interação.</p> <p>A pesquisa incluiu apontamentos sobre as desigualdades de acesso e socioeconômicas entre os brasileiros.</p>
<p>Educação remota na continuidade da formação médica em tempos de pandemia: viabilidade e percepções</p>	<p>A pesquisa foi feita por meio formulário on-line para todos os 266 discentes regularmente matriculados no bacharelado em Medicina da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr), no Piauí, que cursavam entre o primeiro e o oitavo período. O objetivo era avaliar a viabilidade da implantação da educação remota no curso.</p> <p>Um total de 80,8% dos discentes avaliou como viável a implantação da educação remota para o seguimento do curso. No entanto, 8,65% dos discentes afirmaram que os equipamentos e a internet disponíveis não permitiriam o acompanhamento das atividades on-line.</p> <p>Foi observada uma correlação significativa entre a velocidade de acesso à internet e a renda familiar média, a cor da pele e o local da residência, bem como entre possuir equipamentos adequados a educação remota e a renda familiar média.</p> <p>A pesquisa apontou que apenas o seguimento da educação remota, sem garantia de acesso para todos os discentes, era insuficiente e necessitava da intervenção dos gestores para não haver prejuízo na aprendizagem daqueles menos favorecidos.</p>
<p>Elaboração e avaliação da disciplina remota de Física 1 na UFRJ durante a pandemia de Covid-19 em 2020</p>	<p>O estudo tratou da reestruturação para a forma remota da disciplina de Física 1 durante a pandemia. O artigo abordou as estratégias adotadas na reestruturação ou elaboração de um curso totalmente remoto, bem como os resultados de uma ampla avaliação de diferentes aspectos da disciplina, tais como, desempenho dos alunos, alcance do material preparado, percepção dos alunos após o fim do semestre, entre outros.</p> <p>Os autores destacam diversos recursos, aplicativos e plataformas usados na reestruturação da disciplina, como: <i>Wordpress, Youtube, Polimoodle</i> e utilização da metodologia ativa “instrução em pares”.</p> <p>Os autores propõem que o formato remoto pode promover uma redução das desigualdades sociais na educação, pois no caso da UFRJ foi provido o acesso à internet, por meio de compra de <i>chips</i> de celular e equipamentos para estudantes de baixa renda.</p>

	<p>Garantido o acesso remoto por parte dos alunos, caberia investigar se a economia de tempo, dinheiro em transporte e alimentação e redução de estresse devido à exposição à violência urbana, podem ser determinantes para que alunos menos favorecidos financeiramente tenham mais disposição para aprender e se dedicar aos estudos, resultando em um melhor desempenho.</p> <p>A pesquisa demonstra que o planejamento, formação, estruturação, alocação dos devidos recursos para os atores envolvidos e reflexão durante e após a prática são fundamentais para adoção do ensino remoto.</p>
<p>O Ensino da Anamnese Assistido por Tecnologias Digitais durante a Pandemia da Covid-19 no Brasil</p>	<p>A pesquisa foi um relato de experiência de monitoria <i>on-line</i> na Universidade Federal de Alagoas (UFAL) na qual ex-monitores, de períodos anteriores, poderiam ministrar cursos remotos utilizando as tecnologias possíveis e sob orientação de docentes responsáveis.</p> <p>O estudo sugere muitos recursos digitais e plataformas, tais como <i>Google Meets, Anchor, Spotify, Kahoot e Padlet</i>.</p> <p>Dos 54 inscritos apenas 38 concluíram a disciplina, o que deixa implícito problemas que estão para além das tecnologias utilizadas e do acesso à internet e que estão ligados à evasão não só nas disciplinas, mas em cursos e escolas.</p> <p>Apresentou como aspecto positivo do ensino remoto a inserção de tecnologias na educação, pois elas conferem aos professores, aos alunos e às instituições de ensino a capacidade de adequação aos meios disponíveis para minimizar prejuízos.</p> <p>O trabalho atribuiu a efetividade do processo de ensino-aprendizagem à utilização de plataformas interativas.</p>
<p>Ensino em Saúde LGBT na Pandemia da Covid-19: Oportunidades e Vulnerabilidades</p>	<p>A pesquisa foi feita com base em relato de experiência de uma universidade do Rio Grande do Norte em que uma disciplina optativa de Atenção à Saúde da População LGBT, que já seria ministrada no formato presencial, sofreu modificações e acabou por ser ofertada no modelo remoto, e da liga de semiologia de uma faculdade de São Paulo que se viu obrigada a mudar a sua aula com a mesma temática em decorrência do isolamento social.</p> <p>As experiências analisadas pelos autores trouxeram o levantamento de uma série de oportunidades e vulnerabilidades trazidas por esse momento de reformulações no ensino.</p> <p>A modalidade remota expôs e expandiu desigualdades sociais por conta da necessidade de equipamentos e internet para acesso aos conteúdos, marginalizando uma parcela vulnerável da população.</p> <p>O ambiente digital foi considerado inseguro para o pronunciamento de pessoas LGBT. Em</p>

	<p>contrapartida, essa modalidade permitiu a ampliação do público atingido pelas atividades, resultante da diminuição dos custos e da quebra de barreiras geográficas permitidas pelo ambiente digital.</p> <p>Surgiram inovações nas ferramentas de ensino, como uso de podcasts e vídeos, flexibilizando as formas de ensino e divulgação de informações.</p> <p>O modelo remoto permitiu que barreiras burocráticas fossem rompidas e a matrícula de alunos de outros campus e cursos se tornasse possível, foram aceitos estudantes de cidades, orientações sexuais e de gênero diferentes.</p>
<p>Ensino Superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária</p>	<p>Tratou de diretrizes para orientar o trabalho de gestores universitários ao avaliarem as dificuldades e limitações impostas pela situação emergencial decorrente da pandemia, bem como lidarem com elas, de maneira a promover condições de trabalho e pedagógicas, viáveis e seguras, a professores e estudantes.</p> <p>O trabalho alerta para o cuidado com aquilo que será feito no período emergencial e após a emergência; bem como para as decisões que serão tomadas de acordo com as concepções que definem o Ensino Superior</p> <p>Apesar de se tratar de uma situação emergencial, o ensino não pode constituir prática sem planejamento, de improviso e com características meramente burocráticas.</p>
<p>Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial</p>	<p>O estudo abordou estratégias político-educacionais de enfrentamento à pandemia confluente às recomendações da OMS, analisou as respostas imediatas das universidades quando as atividades presenciais precisaram ser suspensas, além de ter apresentado dados da Pnad-Contínua, do IBGE, que dimensionou o tamanho do problema de acesso à internet entre estudantes da Educação Superior – 98% estavam conectados e 2% sem acesso.</p> <p>O trabalho apontou a urgência em viabilizar internet e letramento digital aos 2% sem acesso, pois esse dado não transpareceu justificativa consistente para prolongar a interrupção das atividades de ensino-aprendizagem.</p> <p>Como sugestão pontuada estava a distribuição de <i>chips</i> de dados e equipamentos para estudantes da Educação Superior, podendo ser complementada com a abertura dos <i>campi</i> em horários específicos e pré-agendados.</p> <p>A pesquisa apontou os desafios da pandemia e do ensino remoto emergencial (ERE) como uma oportunidade de as universidades conhecerem melhor suas capacidades e necessidades para cumprirem melhor suas missões.</p> <p>Para os autores, serão as metodologias de ensino híbrido que tenderão a se consolidar no mundo pós-pandemia – o que, cedo ou tarde, exigirá das</p>

	universidades federais brasileiras novas atitudes e estratégias.
--	--

Tabela 4 – Resultado da Análise dos Artigos

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino remoto emergencial para além de uma solução educacional para a pandemia COVID-19 apresentou a realidade iminente da adoção das tecnologias digitais de informação e comunicação no contexto educacional. Aquilo que parecia levar alguns bons anos para chegar em massa às salas de aulas das instituições de ensino acabou virando as “salas de aulas remotas” do período pandêmico através do uso de plataformas digitais, aplicativos de reuniões *on-line*, grupos de estudos em redes sociais ou até mesmo o completo design de disciplinas presenciais em ambientes remotos. Essa mudança repentina além de ressaltar as desigualdades sociais e econômicas entre os envolvidos e excluídos do processo de ensino-aprendizagem remota, também chama atenção para as desigualdades culturais quanto ao letramento digital de professores e alunos, o que constitui ponto importante para fluência e entrosamento nessa nova modalidade de ensino desse novo (nem tanto) tempo.

A adoção do ensino remoto emergencial pelas Instituições de Ensino Superior expôs diversas (“novas”) problemáticas, entre elas destacamos: a) a falta de suporte psicológico a professores; b) a baixa qualidade no ensino (resultante da falta de planejamento de atividades em “meios digitais”); c) o descontentamento dos estudantes; d) o acesso limitado (ou inexistente) dos estudantes as tecnologias necessárias; e) o baixo desempenho acadêmico dos estudantes; f) o aumento do fracasso escolar; g) o aumento da probabilidade de evasão do Ensino Superior; e, h) o desgaste dos professores, que estiveram sobrecarregados pelas múltiplas atividades e pelos desafios de lidar com a tecnologia a fim de promover o ensino.

Embora tenhamos analisado apenas 9 artigos relacionados ao tema desta pesquisa. O trabalho levanta questões que podem ser desdobradas numa próxima oportunidade de pesquisa, tais como: Os números apresentados nos artigos analisados revelam a realidade brasileira da Educação Superior durante a pandemia COVID-19? A realidade e os dados apresentados por cursos da área da saúde como medicina e fisioterapia correspondem, de fato, a realidade da Educação Superior no Brasil? Por que não há publicações sobre Educação Básica e os desdobramentos da pandemia COVID-19? Há alguma relação entre o tempo de trabalho em sala dos professores da Educação Básica e a falta de publicações de pesquisas por esses? Por que a Educação Básica tem sido negligenciada quanto à pandemia e seus reflexos nas aulas, acessos, tempo de tela, adoecimento docente e tantos outros temas?

Uma outra proposta sugerida é o uso da *string* de busca dessa pesquisa aplicada a outros repositórios como o Portal de Periódicos da CAPES ou Google Scholar. Levando em consideração que a pandemia continua e produção acadêmica sobre o tema tem crescido no ano de 2021, a análise de novos trabalhos sobre o tema enriquecerão a discussão iniciada aqui e poderão responder as questões suscitadas ao final deste trabalho.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, B. O. & Alves, L. R. G. Letramento digital em tempos de COVID-19: uma análise da educação no contexto atual. **Debates em Educação**, 12(28). 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96.**

CASTIONI, Remi et al. Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 111, p. 399-419, Junho de 2021 Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362021000200006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362021000200006&lng=en&nrm=iso) Acesso em 02 de maio de 2021.

DUARTE, R.; FURTADO, I.; SOUSA, L.; CARVALHO, C. F. A. The 2019 Novel Coronavirus (2019-nCoV): Novel Virus, Old Challenges. **Acta Médica Portuguesa**, v. 33, n. 3, p. 155-157, mar. 2020.

FARIA, Paulo M. **Revisão Sistemática da Literatura: teoria e prática para o desenvolvimento profissional docente e inovação educativa com TIC.** ed. 1, ISBN: 978-989-8765-27-7. Santo Tirso: Whitebooks. 2015.

GARCIA, Tânia Cristina Meira; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz; ZAROS, Lilian Giotto; RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas.** UFRN: SEDIS, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br>. Acesso em 02 de maio de 2021.

GUSSO, Hélder Lima et al. ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA: DIRETRIZES À GESTÃO UNIVERSITÁRIA. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 41, e238957, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302020000100802&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302020000100802&lng=en&nrm=iso) Acesso em 02 de maio de 2021.

HODGES, Charles & Moore, Stephanie & Lockee, Barbara & Trust, Torrey & Bond, Mark. (2020). **The Difference Between Emergency Remote Teaching and Online Learning. Educause Review.** Disponível em: <http://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning> Acesso em 25 de abril de 2021.

KAPLAN, A. M.; HEANLEIN, M. Higher education and the digital revolution: About MOOCs, SPOCs, social media, and the cookie monster. **Business Horizons**, Indiana, v. 59, n. 4, p. 441-450, July–Aug. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2016.03.008> Acesso em 02 de maio de 2021.

MACHADO, Roseli Belmonte et al. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM TEMPOS DE DISTANCIAMENTO SOCIAL: PANORAMA, DESAFIOS E ENFRENTAMENTOS CURRICULARES. **Movimento**, Porto Alegre, v. 26, e26081, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1982-89182020000100425&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-89182020000100425&lng=en&nrm=iso) Acesso em 02 de maio de 2021.

MAGALHAES, Amanda Júlia de Arruda et al. O Ensino da Anamnese Assistido por Tecnologias Digitais durante a Pandemia da Covid-19 no Brasil. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 44, supl. 1, e163, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022020000500411&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022020000500411&lng=en&nrm=iso) Acesso em 02 de maio de 2021.

MEDEIROS, Arthur de Almeida et al. Análise da educação fisioterapêutica no Brasil durante a pandemia COVID-19. **Fisioter. mov.**, Curitiba, v. 34, e34103, 2021. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-51502021000100203&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-51502021000100203&lng=en&nrm=iso) Acesso em 02 de maio de 2021.

MORAIS NETO, Antônio Carlos de et al. Ensino em Saúde LGBT na Pandemia da Covid-19: Oportunidades e Vulnerabilidades. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 44, supl. 1, e157, 2020. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022020000500410&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022020000500410&lng=en&nrm=iso) Acesso em 02 de maio de 2021.

MOREIRA, J. A., Henriques, S., & Barros, D. M. V. **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia.** *Dialogia*, 351-364. 2020

OECD (2020a). **Supporting the continuation of teaching and learning during the COVID-19 Pandemic Annotated resources for online learning.** Paris: OECD Publishing. Disponível em: <https://www.oecd.org/education/Supporting-the-continuation-of-teaching-and-learning-during-the-COVID-19-pandemic.pdf>. Acesso em 12 de maio de 2021

OECD (2020b). **A framework to guide education response to the COVID – 19 Pandemic.** Paris: OECD Publishing. Disponível em: [https://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?cote=EDU/WKP\(2020\)12&docLanguage=En](https://www.oecd.org/officialdocuments/publicdisplaydocumentpdf/?cote=EDU/WKP(2020)12&docLanguage=En) Acesso em 12 de maio de 2021

OPAS/OMS. **Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde.** Disponível em [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875) Acesso em 25 de abril de 2021.

PAULA, Bruno Souza de et al. Elaboração e avaliação da disciplina remota de Física 1 na UFRJ durante a pandemia de Covid-19 em 2020. **Rev. Bras. Ensino Fís.**, São Paulo, v. 43, e20200518, 2021. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-11172021000100425&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172021000100425&lng=en&nrm=iso) Acesso em 02 de maio de 2021.

PEREIRA, A. et al. Biopolítica e Educação: Os Impactos da Pandemia de Covid-19 nas escolas públicas. **Revista Augustus**, v. 25, n. 51, p. 219-236, jul./out. 2020.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p.83-89, jan./fev. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbfis/v11n1/12.pdf>. Acesso em 20 março de 2021.

SANTOS, Geórgia Maria Ricardo Félix dos; SILVA, Maria Elaine da; BELMONTE, Bernardo do Rego. COVID-19: ensino à distância de emergência e saúde mental de professores universitários. **Rev. Bras. Saude Mater. Infantil**. Recife, v. 21, supl. 1, pág. 237-243, fevereiro de 2021. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-38292021000100237&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292021000100237&lng=en&nrm=iso) Acesso em 02 de maio de 2021.

SILVA, Pedro Henrique dos Santos et al. Educação remota na continuidade da formação médica em tempos de pandemia: viabilidade e percepções. **Rev. bras. educ. med.**, Brasília, v. 45, n. 1, e044, 2021.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-55022021000100222&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022021000100222&lng=en&nrm=iso) Acesso em 02 de maio de 2021.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.) **Por uma história política**. Rio de Janeiro; Editora UFRJ, 1996, p.231-270.

UNESCO (2021a). **COVID-19 impact on education**. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em 25 de abril de 2021.

UNESCO (2021b). **COVID-19 Adverse consequences of school closures**. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse/consequences>. Acesso em 25 de abril de 2021.